



**Universidade de Brasília**

Faculdade de Comunicação

Comunicação Social – Comunicação Organizacional

Memorial Descritivo do Produto

**Meu escritório é no bar**

a trajetória de quem encontra sustento pelos bares de Brasília

Júlia Seabra Ramos Rosa

Brasília

2017

Júlia Seabra Ramos Rosa

Júlia Seabra Ramos Rosa

### **Meu escritório é no bar**

A trajetória de quem encontra sustento pelos bares de Brasília.

Memorial apresentado à Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em comunicação organizacional, sob a orientação da professora doutora Elen Gelardes.

Brasília, 04 de dezembro de 2017.

Júlia Seabra Ramos Rosa

### **Meu escritório é no bar**

A trajetória de quem encontra sustento pelos bares de Brasília.

Memorial apresentado à Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em comunicação organizacional, sob a orientação da professora doutora Elen Gelardes.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Elen Geraldes  
Professora orientadora

---

Profa. Msc. Érika Bauer  
Professora examinadora

---

Prof. Msc. Carlos Henrique Novis  
Professor examinador

---

Prof. Dra. Denise Moraes  
Professora suplente

Brasília, 04 de dezembro de 2017.

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha mãe como uma singela forma de agradecimento por tudo que ela fez para mim ao longo de sua vida. Ela estará comigo para sempre

## **AGRADECIMENTOS**

Começo pela minha família, que me apoiou sempre. Agradeço ao meu pai por não me pressionar e respeitar minhas escolhas, ao meu irmão por sempre me fazer enxergar o mundo de um jeito diferente e especialmente à minha avó Iolanda, minha segunda mãe, meu exemplo de vida.

Aos queridos funcionários da UnB, que todo início de semestre, cansados de me ver naquela faculdade, me perguntavam se não era pra eu já ter me formado. Rosinha, da secretaria, que tanto me incentivou e torceu por mim. Ao Seu Isaías, porteiro que topa tudo para ajudar os alunos, sempre carinhoso e gentil. Ao Daniel, da técnica, que tanto me viu pegar equipamentos para o TCC de amigos e me perguntava quando seria a vez do meu.

Aos professores, servidores, colaboradores e simpatizantes da FAC, um lugar que cultiva a cultura dos bares, do diálogo e das trocas.

Aos meus amigos Audiovisueiros que tive o prazer de trabalhar na Pupila e em sets durante a graduação. Aos Telmas, companheiros para qualquer situação e com os quais partilhei muitos dos melhores momentos da faculdade. Na FAC, aprendi que o Reverso Esportes é o melhor time que eu poderia participar, com meninas que estão dispostas a ajudar sempre.

À minha querida equipe que fez esse documentário acontecer, Diego por compartilhar de tantas semelhanças, Marcus pelos nossos altos da amizade, Debas por ser uma inspiração e Isabella pela ajuda em todos os momentos. Também estou com eternas dívidas à Laísa, que nunca desistiu de mim e me torna uma pessoa completa.

Agradeço aos amigos que fiz antes da Faculdade, que continuam comigo e acompanharam todas as minhas mudanças, especialmente à Carol, que me acompanhou até o último dia de FAC.

Por fim, agradeço à minha mãe, que não pôde me ver formar no Ensino Médio, muito menos me graduar em uma das melhores universidades públicas do país, mas que me educou, ensinou e moldou. Sem ela, eu não estaria aqui.

## EPÍGRAFE

“Diz a lenda que a 408/409 Norte, também conhecida como a rua do Pôr do Sol (nome do bar mais famoso da quadra), é a grande responsável pela demora dos estudantes da UnB para se formarem.”

Gabriela BÍlá.

## **RESUMO**

Este memorial relata os objetivos, o aporte teórico, os procedimentos metodológicos e as etapas de produção do documentário de curta-metragem: “Meu escritório é no bar: a trajetória de quem encontra sustento pelos bares de Brasília”. O vídeo pretende explorar a trajetória de vida de vendedores ambulantes que circulam à noite pelos bares da Asa Norte de Brasília, para quebrar estereótipos e contribuir para o melhor conhecimento da cidade.

**Palavras-chave: Documentário, Brasília, Bares da Asa Norte. Personagens.**

## **ABSTRACT**

This memorial reports on the objectives, theoretical contribution, methodological procedures and stages of production of the short documentary: "My office is in the bar: the trajectory of those who find sustenance through the bars of Brasilia." The video intends to explore the life trajectory of street vendors that circulate at night in the bars of Asa Norte de Brasilia, to break stereotypes and contribute to the better knowledge of the city.

**Key words: Documentary, Brasilia, Asa Norte Bars. Characters.**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tararau.....	24
Figura 2 - Baiana da sorte .....	25

## SUMÁRIO

Introdução .....	10
Problema de pesquisa .....	12
1. Objetivo Geral.....	12
1.1 Objetivo específico .....	12
1.2 Justificativa.....	12
2. Trajetória .....	13
3. Referencial teórico .....	16
4. Procedimentos metodológicos .....	23
4.1 Pré-produção .....	23
4.2 Produção .....	27
4.3 Pós-produção .....	27
5. Considerações Finais .....	28
6. Referências .....	29
Anexo I .....	31

## Introdução

Este memorial documenta o aporte teórico, metodológico e as etapas de produção do trabalho de conclusão de curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília: "Meu escritório é no bar: a trajetória de quem encontra sustento pelos bares de Brasília". Trata-se de um documentário de curta-metragem que apresenta a realidade de personagens presentes na vida dos brasilienses: os vendedores de bar.

As entrevistas foram coletadas na Asa Norte, em Brasília, local onde está localizado o campus Darcy Ribeiro da UnB. Os personagens foram selecionados por meio de uma pesquisa empírica feita pela autora, mas todos têm em comum o fato de que atuam, preferencial ou exclusivamente, nos bares da Asa Norte da cidade.

Quatro entrevistas principais foram realizadas e podemos conhecer um pouco melhor a realidade dessas figuras, já presentes no imaginário popular do brasiliense. Com estes depoimentos apresentamos uma perspectiva sobre os caminhos traçados pelas personagens. Como foi feita a escolha da profissão? De onde ele é? Qual a percepção dele em relação ao ambiente de trabalho? Qual a sua relação com a cidade e com os brasilienses? Essas e outras perguntas são respondidas no documentário, cujo ponto de vista é a quebra de estereótipos e um olhar afetuoso sobre essas vozes da cidade.

Dona Lucilda, conhecida como a "Baiana da Sostchy", é uma mineira de 57 anos que sonha em se aposentar. É a única personagem do curta que mora fora da Asa Norte, local onde trabalha. Moradora de Planaltina, região que fica a 40km do Plano Piloto, Lucilda começou a trabalhar jogando a sorte aos 20 anos de idade e se apresenta sempre como uma pessoa sofrida e abandonada pela família. Ela afirma que o ambiente dos bares faz bem para a sua saúde mental. Em seu ambiente familiar ela é calada, sempre a pessoa responsável pelos familiares. Muitas vezes passa necessidades, o que a deixa deprimida. Já nos bares ela é uma pessoa comunicativa e que transmite positividade para as pessoas, o que faz com que ela se distraia dos seus problemas pessoais.

Milton, mais conhecido como Tararau, é natural de São Paulo, mas foi criado em Minas Gerais. Passou 13 anos em Sertãozinho e a adolescência em São Paulo. Antes da vida de andarilho, trabalhou em diversos estabelecimentos com vínculo

empregatício. Além de confeitiro, foi funcionário dos bancos Bradesco e Bamerindus. A partir de 1982 começou a viajar pelo país e, nesse período de andarilho, virou hippie e começou a trabalhar com artesanato. Em 1984 chegou em Brasília e passou 10 anos trabalhando com prata, que vendia na torre de TV.

Como a venda de prata era rentável, Tararau fez uma viagem internacional na qual começou a trabalhar com música. Andarilho por natureza, Tararau aprendeu a falar francês fluente na Suíça e aprendeu inglês viajando. Seu trabalho como músico é relacionado à composição, além de se apresentar como cantor de estilo MPB, somente com voz e violão. No ano de 1998 parou de trabalhar com prata e começou a trabalhar com incenso em Uberaba - MG, atividade que o sustenta há mais de 20 anos. Atualmente vive na Asa Norte e continua trabalhando com música.

O terceiro entrevistado do documentário é um homem misterioso. Faraó não diz seu nome, idade nem mais detalhes de onde nasceu, apenas que é do Rio Grande do Sul. Ele chegou em Brasília há mais de 40 anos e já morou em diversos lugares do Brasil. Seu apelido surgiu quando era jovem, pois com cavanhaque longo trançado, a cabeça e sobrancelhas raspadas, lembrava os antigos faraós egípcios. Ele começou a trabalhar vendendo livros de autores da UnB e, com a baixa das vendas em função da internet, começou a produzir e vender as pimentas que o deixaram ainda mais conhecido pelos bares da cidade.

O último personagem do curta é "O cara dos cones trufados de chocolate belga", a alcunha pela qual Stefan é conhecido pelos estabelecimentos de Brasília. Natural do Rio de Janeiro, veio para Brasília ainda bebê e criou raízes. Servidor do Banco do Brasil durante o dia, ele vende os cones trufados pelos bares à noite. A produção dos cones trufados é feita por sua sócia e a venda é função dele. O trabalho foi pensado para completar sua renda e poder investir em uma empresa de cunho filantrópico.

O projeto foi produzido na Asa Norte, local escolhido em função do trabalho das personagens do curta-metragem.

## **Problema de pesquisa**

Como produzir um documentário que abordasse as diferentes apropriações da cidade? Essa foi a pergunta que me fiz ao começar a pensar sobre um possível tema para o projeto final de graduação. Ao me decidir por fazer esse filme, procurei unir meu desejo de estudar as personagens que fazem parte do imaginário do brasiliense e seu papel na construção das cidades ao amor pelo gênero documentário.

Para responder a essa pergunta, apareceram dúvidas relacionadas à produção do material. Como retratar a vida nos bares e a vida dos personagens? Como tornar meu trabalho algo diferente do que já foi produzido, cultivando o meu olhar?

### **1. Objetivo geral**

O objetivo primordial de meu trabalho de conclusão de curso foi a produção do curta-metragem “Meu escritório é no bar: a trajetória de quem encontra sustento pelos bares de Brasília”, com a linguagem de documentário, com a duração prevista de 20 minutos, com o intuito de apresentar ao espectador os objetivos da obra: entender a jornada dos personagens em seu trabalho nos bares da Asa Norte e apresentar diferentes apropriações da cidade.

#### **1.1 Objetivos específicos**

O documentário tem como objetivos específicos selecionar personagens da noite e destacar suas principais características, conceituar documentário e , por fim, apresentar um produto de qualidade estética, competência técnica e uma leitura afetuosa de personagens da cidade.

#### **1.2 Justificativa**

A escolha de um documentário como produto para o meu projeto final está diretamente ligada à importância que o audiovisual teve em toda minha graduação. Abordar um assunto de extrema relevância social foi uma das justificativas para a escolha do tema. Em Brasília, bares são locais muito frequentados e são de

fundamental importância para o desenvolvimento social do público jovem. Além disso, esses espaços fazem parte de minha vivência e estabelecimento com esses locais e essas personagens um vínculo de afeto. O desafio nesse trabalho é humanizá-las em uma produção audiovisual, registrando os seus sonhos, os seus desejos, a sua história.

Em função da minha trajetória acadêmica e profissional que passa pelo audiovisual, decidi retratar a vida dessas pessoas de forma documental. Dentre as várias possibilidades oferecidas pelo curso de Comunicação Organizacional, escolhi esta linguagem, que agora compõe o meu trabalho, a minha renda e os meus projetos futuros. Concluir o curso por meio de vídeo é uma forma coerente de mostrar essa trajetória.

Este memorial divide-se em 3 partes. Em um primeiro momento apresento o meu percurso na Faculdade de Comunicação: do primeiro semestre a este produto. Na segunda parte, apresentarei as leituras realizadas sobre as duas temáticas principais: o documentário e a cidade. O terceiro momento deste memorial é a apresentação dos processos que culminaram na produção do vídeo, mostrando os procedimentos metodológicos adotados, que envolvem a pré-produção, a produção do roteiro, produção do vídeo em si e a pós-produção.

## **2. Trajetória acadêmico-profissional**

A seguir, começaremos com meu ingresso na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília em 2011.

Entre na UnB pelo PAS (Programa de Avaliação Seriada). Logo após cursar o Ensino Médio e diante de um 2010 conturbado com a recém morte da minha mãe, não esperava entrar na UnB tão cedo. Já estava matriculada no cursinho para tentar ingressar em Arquitetura e Urbanismo, porém, no dia do resultado, descobri que tinha passado para Comunicação Organizacional, um curso que, até então, não conhecia muito. Comecei o curso sem saber muito a respeito e sempre me interessando mais por disciplinas de fotografia e audiovisual. Também aprendi muito sobre fotografia com meu primo, que já atuava há anos na profissão. Entre ensaios de casais, famílias e crianças, fui acompanhando e aprendendo sobre iluminação, enquadramento, composição e técnica.

Sempre tive preferência pelos aspectos práticos da profissão, por me sentir

desafiada a cada nova produção. Ao longo da academia, sempre fui a responsável pela parte de fotografia e vídeos de trabalhos em grupo. Destaco o caso da disciplina de Instrumentos de Organizacional (ICO), que me proporcionou o desafio de trabalhar diretamente com uma ONG e toda a sua área de comunicação. O vídeo institucional realizado para a Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (ARUC) foi o meu primeiro contato com produção audiovisual de grande importância e foi o diferencial para que eu me interessasse por este campo de trabalho.

O trabalho em empresa júnior foi uma grande oportunidade para conhecer e trabalhar com novas pessoas que cursaram audiovisual e compreender mais a área. Apesar de trabalhar com Marketing na Pupila, também me aventurei em outros projetos, organizei o FECUCA, evento de curtas de calouros da FAC, trabalhei com mídias sociais e aprendi sobre os processos de produção de vídeos e da parte de fotografia. O curso de Comunicação Organizacional foi de extrema importância para que o meu entendimento da área fosse mais completo.

Durante meu período no Movimento Empresa Júnior, tive a oportunidade de viajar representando a Pupila em encontros nacionais e regionais em todo o país, aprendendo mais sobre empreendedorismo. Participei da organização do Concentra DF, onde trabalhei com assessoria de comunicação e produção de diversos vídeos promocionais.

O encerramento do ciclo de trabalho na Pupila culminou na minha entrada na produção audiovisual de alunos da FAC. Com isso, participei de dois curtas-metragens como assistente de fotografia, foram eles os Blocos do segundo semestre de 2014: "Capitão e a Bruxa" e "Felída".

Durante a gravação do curta "Capitão e a Bruxa", de Thalita Rosemberg (2014), trabalhamos com elenco de três crianças e um cachorro, que gerou complicações para a conclusão da gravação, mas garantiu que o trabalho fosse divertido. Ele foi gravado somente com luz natural e foi durante esse set que minha grande amiga Isa Lima me convidou para ser diretora de fotografia do TCC dela, que seria concluído no final de 2015. Como eu também iria formar nesse período, decidimos fazer o TCC em dupla. A produção do curta 'Cóclea', de Isa Lima (2015), foi um sucesso para formatura da Isa, mas nem tanto para mim. Já o "Felída", de Isabel Ilha (2014), me deu a oportunidade de conhecer e fazer novos amigos do ramo audiovisual e me trouxe experiência com gravações em cenários que fogem do

comum, como debaixo d'água e dentro do ônibus, entre outros ambientes que aprendi bastante.

Após esses dois trabalhos comecei a estagiar na Secretaria de Comunicação da UnB como fotojornalista, que foi uma experiência enriquecedora, na qual adquiri muito aprendizado e criei um relacionamento de grande carinho pela universidade e pelo que ela cultiva. Descobri as dificuldades de professores, alunos, pesquisadores, funcionários e percebi como a UnB é importante para a cidade e para cada cidadão, além de ter a possibilidade de conhecer toda a extensão da universidade ao acompanhar pautas. Assim, me encantei com toda a beleza e grandeza que a universidade possui. Ao longo de seis meses fotografando pela UnB, as imagens ilustraram o calendário interno da universidade de 2015 e me trouxeram muito orgulho por ter feito parte deste trabalho.

No início do ano de 2015, a UnB recebeu o evento TEDx, tive o prazer de trabalhar nesse evento que foi o TEDxUniversidade de Brasília. O trabalho de produção de eventos é desafiador, apesar de estressante. No TEDx tivemos pouco tempo e muita gente envolvida para fazer dar certo, o que fez dele o evento mais prazeroso que já trabalhei. Apesar de ter sido uma experiência maravilhosa, foi também muito cansativo. Fiz parte da equipe de comunicação que era responsável pela produção de conteúdo para redes sociais, fotografia, produção audiovisual, ações de guerrilha e cobertura *live* do evento. O trabalho foi recompensado com o evento excepcional que realizamos e, principalmente com o aprendizado que tivemos com os palestrantes e com as mensagens enriquecedoras que foram passadas por eles.

O ano de 2015 foi muito produtivo quando penso em trabalho com produção audiovisual. Particpei de seis curtas, dos quais quatro foram TCCs de alunos da FAC e dois curtas que foram gravados no exterior, dos quais participei a convite da Paula Neves, que foi diretora do curta "Pumpkim" e diretora de arte da produção "Momentary", de Rafael Thomaseto.

Começando pelo curta "Pôr do Sol", de Marcelo Veras (2015), que foi muito estressante, sets desafiadores, planos e maquinaria de foto ousada para um projeto de conclusão de curso. Depois trabalhei no set do "Queria tanto ter nascido mulher", de Carol Lucena (2015), que foi uma produção com uma linguagem diferente daquelas com que já tinha trabalhado e me trouxe a oportunidade de conhecer

profissionais da área. “O Julgamento de Clarisse”, Isadora Wertheimer (2015), foi um trabalho com um tema delicado e muitos aprendizados sobre técnicas diferentes de iluminação.

Em setembro de 2015 aconteceu a produção do curta “Cóclea”, de Isa Lima (2015), mas a pré- produção começou muito antes, no final de 2014. O filme foi todo feito em libras e com isso foi preciso muita pesquisa. Particpei de todo o processo com a diretora Isa Lima, desde aprofundar os conhecimentos sobre libras até toda a pré e pós- produção do filme. Infelizmente não pude me formar com o projeto, pois tinha créditos pendentes, mas mesmo assim me proporcionou uma experiência excelente.

O ano de 2016 se iniciou com um trabalho que explorou novas áreas. O projeto do curta-metragem, “O Lagarto Fujão”, de Mariana Abreu e Gabriel Frutuoso (2016), foi focado na área de cenografia. Particpei da criação do cenário de todas as cenas, que era feito predominantemente de papelão. Nesse projeto compreendi que possuía um afeto pela área de confecção de objetos.

Também no mesmo ano fui diretora de produção do vídeoclipe de música eletrônica “Left & Right”, de Camila Lima (2016), trabalho de grande responsabilidade e que me enriqueceu de aprendizados para futuros projetos pessoais e profissionais.

O esporte também fez parte da minha trajetória na Faculdade da Comunicação. Particpei da equipe de futsal da Hermética, atlética de comunicação da UnB. Ter esse vínculo com o esporte me proporcionou um novo olhar sobre o assunto e grandes amizades.

### **3. Referencial teórico**

Para realizar este trabalho, uma primeira pesquisa me levou ao livro Introdução ao Documentário de *Bill Nichols* (NICHOLS 2010). O livro apresenta uma introdução ampla sobre as questões e conceitos que permeiam a produção de documentários e expõe uma visão geral dos tópicos e questões mais importantes sobre a história do gênero. Neste livro, o autor nega que possa existir uma

reprodução perfeita da realidade, mas reforça a importância de que o gênero cinematográfico tem em apresentar novas visões sobre as questões acerca da sociedade:

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, [...] teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo que vivemos. Representa uma determinada visão de mundo, uma visão que talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2010, p.47)

O formato documentário foi escolhido para compartilhar um olhar afetuoso sobre a vida das personagens que vemos constantemente nos bares da cidade, mas que nem sempre conseguimos enxergar. Eles e elas parecem próximos, mas estão distantes de nós, nos vendem quitutes e sonhos, mas também têm suas próprias aspirações, desejos e objetivos. Para Nichols, o documentário é uma representação do mundo em que vivemos.

Apresentar o tema com um olhar diferente foi a intenção desde o início do trabalho. O objetivo era captar as histórias de vida das personalidades dos bares do Plano Piloto e quebrar o estereótipo relacionado à vida noturna e ao trabalho de ambulante. O documentário pareceu a melhor forma de registrar esses depoimentos. Segundo a classificação de Bill Nichols, existem dois tipos de documentários: os de satisfação dos desejos, normalmente chamados de ficção, e os de representação social:

Os documentários de representação social são os que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. [...] os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que o exploremos e compreendamos. [...] do documentário não tiramos apenas prazer, mas uma direção também. [...] essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes

e soluções possíveis. O vínculo entre documentário e o mundo histórico é forte e profundo. (NICHOLS, 2010, p. 26-27).

Outra questão importante relativa ao gênero é o desenvolvimento de personagens. Cabe ao diretor/criador encontrar histórias, dar-lhes voz e se colocar no lugar do outro. Por isso, tantas vezes os documentários abordam situações de exclusão e buscam um olhar diferenciado sobre personagens esquecidos e/ou ignorados. Assim como os filmes produzidos no período desde 1960 e com ápice durante as décadas de 80 e 90, Lins e Mesquita fazem uma análise sobre os documentários contemporâneos brasileiros e observam o uso de entrevistas, assim como a busca por mostrar problemas das classes populares, rurais e urbanas.

Dar voz a esse “outro” desconhecido torna-se questão importante para os cineastas, e a entrevista - possibilitada pelo advento das técnicas de gravação de som direto - torna-se um procedimento privilegiado. (LINS, MESQUITA, 2008, pp.12)

Como condição primeira para discussão do documentário, encontra-se a liberdade autoral, também compreendida como autonomia do diretor e do roteiro diante do real. Até onde um documentário pode introduzir características da ficção sem que suas características sejam prejudicadas?

No caso deste projeto, a discussão sobre a verdade foi facilmente substituída pelas verdades dos sujeitos que fazem da noite o seu ganha pão, o seu espaço de trabalho, o seu local privilegiado para dar e receber afeto. As verdades que buscamos estão nesses bares, nas relações breves entre os personagens e o público da noite.

Não há nenhuma verdade universal a ser compartilhada, nenhuma certeza a ser professada, mas um cotidiano de mudanças, transformações, riscos, instabilidade e caos. A rotina tem seus limites, ela é uma possibilidade apenas muito breve e passageira nesses espaços. O público vai descobrir os personagens ao longo do filme, se emocionar e ter a curiosidade instigada pelo cotidiano dos vendedores. Como afirma Nichols:

O vídeo e o filme documentário estimulam a epistefilia (o desejo de saber) no público. Transmitem uma lógica informativa, uma retórica

persuasiva, uma poética comovente, que prometem informação com conhecimento, descobertas e consciência. O documentário propõe a seu público que a satisfação desse desejo de saber seja uma ocupação comum. (NICHOLS, 2010, pp. 70)

O documentário valoriza as narrativas, como outros produtos deste gênero. São histórias de vida, relatos muito pessoais, manifestações de alegria e de tristeza, inseguranças e ganhos. Os personagens foram escolhidos porque são únicos. É impossível vê-los sem identificar sua função e sua proposta para o contexto e relações que se desenvolvem nos bares. No entanto, os personagens também são universais, visto que contam histórias há muito conhecidas, histórias que se repetem na dinâmica da cidade.

Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. Assim como a trama, o argumento pode ser apresentado de diferentes maneiras. (NICHOLS, 2010, pp. 73)

Os personagens são “reais”, os cenários são “reais”, mas é o olhar do diretor e da equipe que destaca e valoriza uma fala, um ângulo, um plano, uma perspectiva. Dessa forma, ao produzir um documentário criamos uma nova história, mesmo que seu material primordial, sua argamassa, seja constituída exclusivamente por histórias que acontecem e são reais.

Para cada documentário, há pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público. De formas diferentes, todas essas histórias são parte daquilo a que assistimos quando perguntamos de que trata um certo filme. Isso quer dizer que, quando assistimos a um filme, tomamos consciência de que ele provém de algum lugar e de alguém. Existe uma história e como e por que ele foi feito. Essa história é, com frequência, mais pessoal e idiossincrática nos documentários e no filme de vanguarda do que no longa-metragem comercial. (NICHOLS, 2010, pp. 93)

O segundo fundamento teórico que embasa este projeto é a discussão sobre cidade. Por isso, o projeto está de acordo com o que afirma Freitag (2006), quando

diz que a cidade não é somente uma soma de prédios, de construções, de espaços verdes, de ruas e avenidas. A cidade é um projeto da modernidade, por ela se movem sujeitos e nela se constroem narrativas. A cidade, para os homens e mulheres contemporâneos, pode ser um lugar presencial, físico, delimitado, ou ainda, um lugar em material. Ela é sobretudo os desejos, os sonhos, os projetos e as visões de mundo dos que por ela passam, construindo exclusão ou inclusão, rejeitando ou aceitando o que é diferente, diverso e contraditório.

Brasília foi uma cidade planejada de uma maneira ideológica, em que o Plano Piloto foi ocupada majoritariamente pelo cidadão de alto poder aquisitivo, por causa das resoluções de Lúcio Costa sobre a utilização de suas ruas e locomoção. Assim, podemos observar no livro de Freitag, que o principal meio de transporte é individual e particular, um sinal que no futuro a cidade só pode ser vivida por quem tem essas aquisições.

No projeto de Brasília, Costa deixou-se orientar pelos seguintes aspectos:

- Observação e estudo detalhado da topografia do local (Planalto Central) e adequação da arquitetura ao lugar;
- Zoneamento da cidade, para que ela fosse capaz de atender às diversas funções de moradia, trabalho, lazer e circulação livre e sem riscos da população;
- Hierarquização e classificação das vias de tráfego de acordo com sua respectiva função (sem monumentos, cruzamentos ou semáforos);
- Construção do paradigma da unidade habitacional, as superquadras, inseridas em grandes áreas verdes;
- Prioridade ao automóvel (individual e particular) como principal meio de transporte;
- Garantia à nova capital de proteção, segurança e monumentalidade, que fizessem jus a seu *status* de “cabeça” do país;

Atribuição de beleza e conforto à cidade, com espaços amplos, arejados, ensolarados; (Freitag, 2006, pp.142)

Com isso mostramos nesse produto uma maneira de como uma parte da população busca sua renda de forma alternativa, tendo que quebrar os paradigmas da cidade utópica como foi o pensamento de Lúcio Costa sobre Brasília.

Nesse projeto, a cidade é o quinto personagem. Foi editada para que aparecesse em um de seus vieses mais específicos: a noite, com sua cumplicidade, seus segredos, seu cansaço e sua pulsação. Não se trata da cidade de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, do projeto urbanístico premiado, da capital que reunia esperança, tecnologia e segurança. A nossa cidade é uma cidade vivida, na qual as demarcações estão mais fluidas, os setores urbanos se desconstroem e reconstroem.

Ana Fani Alessandri Carlos, em sua obra “Espaço urbano: novos escritos sobre cidade”, discorre sobre o lugar e a relação com as práticas cotidianas, em que o local tem papel fundamental com o laço que as pessoas criam com a cidade. Dessa forma, o vínculo que os frequentadores de bares criam com os vendedores que estão todos os dias no mesmo ambiente está associado com o nosso vínculo com a cidade.

Portanto, o plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido. É assim, por exemplo, que a cidade – enquanto articulação de lugares – produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo e cria identificações. (CARLOS, 2007, pp.43)

A cidade foi pensada para uma classe média, que seria, entre si, nivelada. Haveria igualdade entre iguais. Nesse cenário utópico, nessa ilha de fantasia, não haveria lugar para o trabalho alternativo, para ambulantes que se deslocam entre classes, espaços, categorias.

De início, acreditou-se poder dissolver as diferenças de classe entre operários e funcionários, fazendo-os conviver nos mesmos prédios e deixando seus filhos frequentarem as mesmas escolas públicas e os mesmos postos de saúde. Não haveria regiões mais ou menos nobres na cidade. O Estado seria o dono dos blocos residenciais, postos à disposição dos funcionários de todos os níveis da burocracia estatal. A cidade deveria ser limitada a uma população de, no máximo, 500 mil habitantes. A beleza da nova capital teria funções pedagógicas de integração social. (Freitag, 2006, pp.144)

Vemos que uns dos problemas de Brasília que engloba o resto do Brasil é a desigualdade social das cidades. O contraste entre as cidades satélites e as asnas nobres de Brasília está presente dentro dos bares com os funcionários, vendedores e consumidores. Ainda não conseguimos viver em igualdade no Brasil e Barbara Freitag explica que este fator tem uma explicação histórica:

Os problemas criados durante os 400 anos de colonização não podem ser resolvidos administrativamente, deslocando-se a capital de um lugar para o outro. Não há soluções técnicas, arquitetônicas ou urbanísticas milagrosas e imediatas. A questão urbana brasileira se insere numa questão social mais ampla, dominada por conflitos profundos, que precisam ser resolvidos com auxílio de um pensamento em redes, ao mesmo tempo complexo e profundo. Precisamos pensar de maneira inter e multidisciplinar, buscando soluções não apenas pontuais, isoladas (como educação, saúde, higienização, estética), mas conjuntas e diversificadas. (Freitag, 2006, pp.149)

Os bares que compõem o cenário deste projeto fazem parte da rotina do brasiliense, especificamente moradores da Asa Norte, e são muito presentes em sua vida. A população descrita trabalha e estuda perto, acaba indo para os bares como forma de distração depois de um longo dia, criando, desta forma, uma ligação social e urbana com a cidade e a cultura de bares. A autora Carlos, descreve que as relações sociais estão diretamente relacionadas com o espaço geográfico urbano:

Trata-se da elucidação de um movimento que envolve a produção e suas relações mais gerais, o que significa, neste contexto, que as relações sociais ocorrem fora dos limites estreitos da produção de mercadorias e do processo de trabalho (sem, todavia, negá-la) para enfocar a vida em todas as suas dimensões (aquela que se desenvolve ligando momentos e lugares como a casa, a rua, o bairro) criando uma trama de relações como trama dos lugares onde se destaca uma rede articulada que liga as práticas sócio-espaciais e é assim que a produção do espaço se realiza enquanto produção ininterrupta da vida. (CARLOS, 2007, pp.41)

As imagens e depoimentos registrados formam um conjunto audiovisual que possui um papel de resgate da memória. Como é um retrato do que ocorre na vida dessas pessoas, os depoimentos apresentados pelos entrevistados é a maior fonte de informação e comprovação sobre o tema abordado

#### 4. Procedimentos metodológicos

Nesta etapa, mostraremos as etapas de produção do vídeo, seus principais limites e dificuldades.

##### 4.1 Pré-produção

Desde o começo da graduação tinha certeza que faria um produto como projeto de conclusão de curso, mas o tema foi escolhido apenas um semestre antes de me matricular na disciplina de TCC.

Durante várias conversas com meu amigo de curso Diego Marques, surgiu a ideia de inicialmente fazer uma *web série* sobre cada personagem onipresente nos bares de Brasília. Então procuramos a Baiana da Sorte, também conhecida como Cigana da Sorte ou “moça que lê a mão”. Após uma conversa com ela, na mesa de um bar, começamos a entrevista fazendo o caminho que ela percorre todas as noites durante o trabalho. Dessa forma, conseguimos capturar todas as informações necessárias para fazer o primeiro episódio da *web série* sobre esta personagem. Porém, depois de pesquisar e ler sobre documentário, resolvi produzir o produto deste projeto dentro deste gênero.

Como o projeto é um documentário sobre personalidades brasilienses, a base teórica do projeto é sobre os temas documentário e cidade. Assim, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre estes dois assuntos. Para definir os personagens principais a serem entrevistados, foi feita uma pesquisa de campo em forma de entrevista para descobrir quais eram os vendedores mais conhecidos no imaginário das pessoas. Outra fonte que embasou a escolha de um dos personagens foi a matéria publicada no jornal Correio Braziliense sobre o Faraó<sup>1</sup>, “quase onipresente, vendedor andarilho é figura conhecida na noite da cidade” que destaca a importância deste personagem para ilustrar o tema.

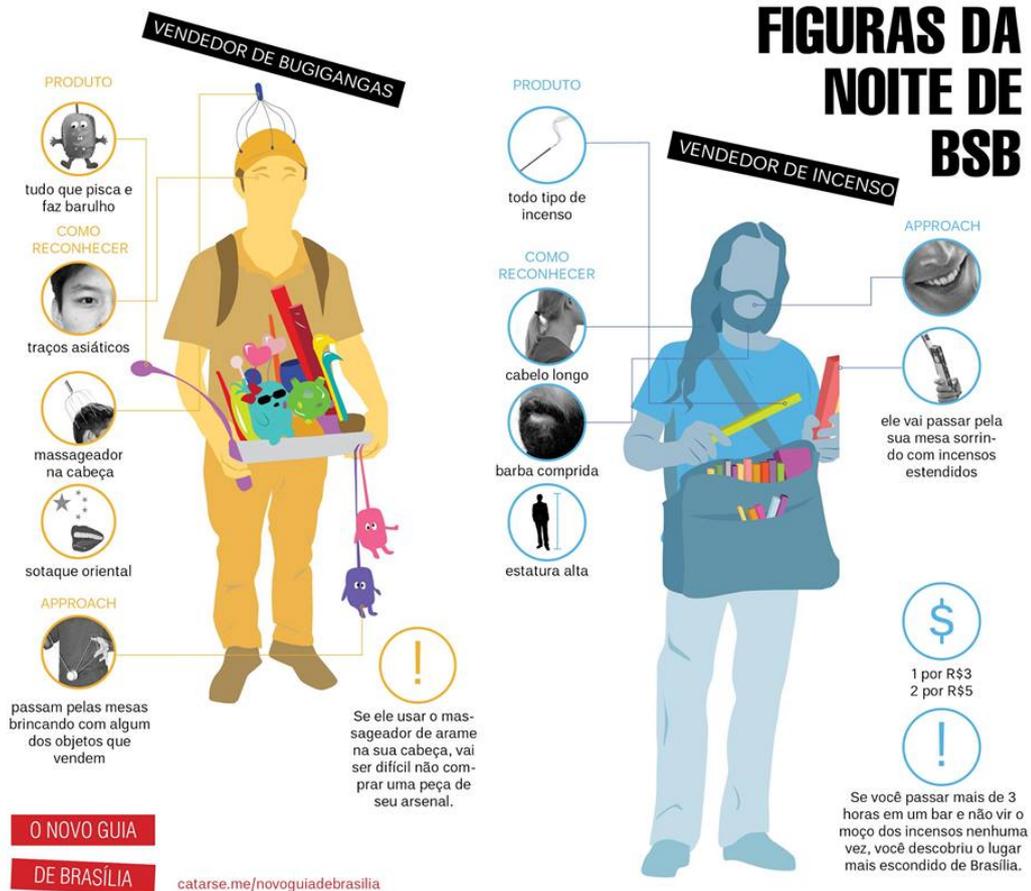
---

<sup>1</sup> RIOS, Marianna. **Quase onipresente, vendedor andarilho é figura conhecida na noite da cidade**. Disponível em:

<[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/24/interna\\_cidadesdf,389732/quas](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/24/interna_cidadesdf,389732/quas)

O livro “O Novo Guia de Brasília”, de Gabriela BÍlá, foi utilizado para a definição dos bares como locais representados. As ruas dos bares descritas no livro, e também como minha maior vivência, são a 408/409 Norte descrita por BÍlá (2014, p. 141) como “rua dos botecos mais famosa de Brasília” e a 410/411, “a rua tem muitos bares barateiros: Mendes, Bar dos Amigos, Olê Olá, Campinense e Mar Aberto”. Ainda em relação ao livro, BÍlá cita quatro dos mais famosos vendedores ambulantes da cidade. Escolhi dois dos mencionados, que também foram citados nas entrevistas com os consumidores. São eles: “homem dos incensos”, também conhecido como Tararau e a “Cigana da Sostchy”, também conhecida como Baiana da Sorte, e que tem um jeito peculiar de pronunciar o fonema da letra ‘r’ como na palavra Sorte.

Figura 1 - Tararau



Fonte: BÍLÁ, Gabriela. O novo guia de Brasília. 1.ed. Gabriela BÍlá, 2014.

Figure 2 - Baiana da sorte



Fonte: BÍLÁ, Gabriela. O novo guia de Brasília. 1.ed. Gabriela Bílá, 2014.

O quarto e último escolhido para representar os vendedores foi o “Cara dos cones trufados”, que também apareceu nas respostas dos consumidores e em sua página no *Facebook*<sup>2</sup> criada por uma cliente.

Após a escolha dos personagens principais, foi o momento de conseguir entrar em contato com cada um deles, apresentar a ideia do documentário e marcar as entrevistas. Com a ajuda de amigos que frequentam os diversos bares das quadras da Asa Norte, consegui o telefone para contato de todos os entrevistados. Porém tive alguns problemas e imprevistos na compatibilidade de agenda para marcar datas e horários, além da dificuldade de gravação com o início do período de

<sup>2</sup> **Cara do chocolate belga.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/deliciosochocolatebelga>>. Acesso em: 11 out. 2017.

chuvas em Brasília, que em alguns momentos impossibilitou as gravações de cenas e entrevistas.

O mesmo roteiro de perguntas foi utilizado para todas as entrevistas e, após as filmagens, todas as conversas foram transcritas para a elaboração do roteiro final.

As perguntas foram:

1. Onde você nasceu?
2. Como chegou em Brasília?
3. Quando começou a vender em bares?
4. Trabalha ou já trabalhou com outras coisas?
5. Tem outra fonte de renda?
6. Por quê escolheu esse trabalho?
7. O que acha do ambiente de bares para o trabalho?
8. Como é sua rotina de trabalho?
9. O que acha de Brasília como cidade?
10. E o futuro?
11. O que acha sobre ser considerado um ícone de Brasília?

A equipe que auxiliou na produção do documentário foi formada por colegas da UnB, com os quais já trabalhei em outros momentos durante o curso. Precisava de auxílio nas áreas de entrevista, captação de imagens e som. Assim foi escolhido a equipe: Diego Marques, colega de curso, que me auxiliou a realizar a entrevista com a Baiana da Sorte. Isabella Campedelli, colega de faculdade, que filmou a entrevista do Faraó. Marcus Vieira, colega de sala e de trabalho na Pupila, que capturou as imagens das entrevistas com Tararau e com o “Cara dos cones trufados”. Por fim, contei com a ajuda da Débora Pimentel, colega de faculdade e da Pupila, que fez o som direto das entrevistas.

Os equipamentos utilizados foram duas câmeras DSLR 60D da Canon e tripés próprios e emprestados de amigos. Gravador de som Zoom H6 próprio. Lentes 24-70mm 2.8 e 50mm 1.8 próprias. 1 Iluminador de *led* e 2 microfones de lapela emprestados pelo Núcleo Técnico Audiovisual da Faculdade de Comunicação da UnB. Além de *drone* e *steadycam* emprestados.

## **4.2 Produção**

As entrevistas foram filmadas em dias e bares distintos, e cada uma teve em torno de 25 minutos de duração. O único problema técnico que tive foi no microfone de lapela utilizado na entrevista com o Faraó, que teve mal contato e tornou sua faixa inutilizável. Mas o problema foi resolvido aproveitando o áudio da faixa do meu microfone para captar as respostas do entrevistado.

Durante sete dias de filmagem, foram captadas imagens de cobertura de bares e entrevistas com consumidores. As filmagens foram feitas com uma câmera fixa para captar somente o entrevistado e uma câmera móvel para captar a entrevista de outros ângulos. A cordialidade com os donos, gerentes e garçons dos bares utilizados para realizar as entrevistas foi de grande ajuda para a qualidade do material. Como pedir para abaixar o som, reservar mesa em dias cheios e colocar mesa em local de passagem.

## **4.3 Pró-produção**

Após a produção, foi feita a transcrição de cada entrevista e a elaboração da narrativa do filme.

Esse foi meu primeiro projeto de relevância de edição e contei com ajuda de tutoriais no *YouTube* e amigos experientes na área para me ajudar no processo.

Comecei selecionando as falas que julguei mais importantes para criar uma narrativa em conjunto com cada personagem. Montei as perguntas principais e intercalei as respostas de cada entrevistado, tornando a narrativa mais dinâmica.

A mixagem de som foi trabalhosa, devido aos diferentes volumes captados nas entrevistas e principalmente entre o entrevistador e o entrevistado. Os ruídos dos bares não podiam ser abafados totalmente, pois criam a ambientação do filme, mas também não podiam atrapalhar o entendimento das falas, portanto também foi preciso trabalhar seu volume.

A coloração foi feita de forma suave, apenas para tentar igualar as duas câmeras utilizadas e o balanço de cor.

## **5. Considerações finais**

Durante minha graduação, trabalhei na grande maioria em curtas-metragens de ficção nas áreas de fotografia e produção, com equipes grandes e trabalho coletivo. Porém, neste projeto, decidi por uma equipe reduzida pelo fato de ser mais rápida e célere. Desta forma foi um processo de grande aprendizado pessoal, porque tive de trabalhar com todas as responsabilidades, desde pré-produção, pensar no conceito, estudar a teoria, fazer o contato direto com os entrevistados, fazer a captação das imagens e som, até a montagem e edição do filme e isso foi muito desafiador.

O curso de Comunicação Organizacional me fez uma profissional completa, com aprendizados em todas áreas da comunicação e que levarei esses ensinamentos para todos âmbitos profissionais. Fico orgulhosa de me formar neste curso que me proporcionou uma ótima experiência dentro da Faculdade de Comunicação e na UnB, assim como amigos para toda a vida.

O ponto de vista escolhido no documentário é o de aproximação entre o público e as personagens do filme, criando assim um respeito e desmistificação com a profissão do vendedor ambulante. Também pretendi tornar públicas algumas das particularidades de cada uma dessas personagens, que tive o prazer de conhecer pessoalmente. Dessa forma, o documentário corrobora as leituras sobre cidades, em que o espaço é construído por apropriações individuais e por resistências.

Por fim, pretendo veicular o documentário em festivais e depois disponibilizá-lo online, para que um público maior possa conhecer a história das gentes de Brasília, as que trabalham, divertem-se e povoam os bares da cidade.

## 6. Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço urbano: novos escritos sobre cidade. 1.ed. Labur Edições, 2007

FREITAG, Barbara. Teoria da cidade. 1.ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 5.ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. 1.ed. Zahar, 2008.

BÍLÁ, Gabriela. O novo guia de Brasília. 1.ed. Gabriela Bílá, 2014.

### Fontes da internet

RIOS, Marianna. Quase onipresente, vendedor andarilho é figura conhecida na noite da cidade. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/24/interna\\_cidade\\_sdf,389732/quase-onipresente-vendedor-andarilho-e-figura-conhecida-na-noite-da-cidade.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/24/interna_cidade_sdf,389732/quase-onipresente-vendedor-andarilho-e-figura-conhecida-na-noite-da-cidade.shtml)>. Acesso em: 24 set. 2017

Cara do chocolate belga. Disponível em: <<https://www.facebook.com/deliciosochocolatebelga>> Acesso em: 11 out. 2017.

### Filmografia

CIDADE DE DEUS - 10 ANOS DEPOIS. Direção: Cavi Borges, Luciano Vidigal. Brasil, 2015

DOCUMENTÁRIO SOBRE A 109 SUL/ BAR BEIRUTE - BRASÍLIA/DF. Montagem: Antônio Borges Neto. Brasília, 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CsT5LWS3FqM>> Acesso em: 23 set. 2017

O LIBERDADE. Direção: Cíntia Langie e Rafael Andreazza. Brasil: Moviola Filmes, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JZK9Gt3C4zo>> Acesso em: 30 set. 2017

**ANEXO I****Orçamento**

<b>ITEM</b>	<b>R\$</b>
12 Pilhas AA	39,98
Alimentação	44,50
01 incenso	4,50
01 pimentinha	8
5 cones trufados do chocolate belga	20
Ler a sorte	11
<b>TOTAL</b>	<b>127,89</b>